



A OBSERV (AÇÃO) DA EDUCAÇÃO SOB O SENTIR ESTÉTICO DA ARTE

Héctor Andrés Briones Vásquez¹ - UFC
Bianca Rodrigues Holanda² - UFC
Lucas Siqueira Gomes Barbosa³ - UECE

Grupo de Trabalho de Fundamentos

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo explicar algumas conceituações filosóficas sobre a palavra estética, demonstrando a reverberação e importância das suas ações práticas e efetivas em sala de aula como construtor crítico e social. A pesquisa tem como base teórica os estudos de Jorge Larrosa, Marcos Villela e a Poética de Aristóteles como estimulador a questionamentos e propulsor de vivências que venham auxiliar na ligação intrínseca pensamento/corpo. Como proposta prática na sala de aula, realizamos uma construção escultural da deusa de Willendorf em sabonetes junto de leituras dos autores citados acima, seguido de debates sobre as sensações, os saberes construídos ou desconstruídos e demais percepções obtidas, mesmo sendo elas negativas. As aulas foram realizadas na EEEP Dona Creusa do Carmo Rocha com os alunos de primeiro ano do curso técnico de Administração. O título do trabalho demonstrado como Observ (ação) nos remete a esta constante busca do observar o outro, a si, a observar as sensações que perpassam pelo corpo e principalmente agir diante daquilo que lhe é proposto. É uma ação diante daquilo que se fez parado. Para-se para melhor absorver; e age-se como resposta ativa daquilo que se foi absorvido, sentido. Esta inicial pesquisa nos revelou necessária quanto a novas ressignificações, olhares e principalmente novo sentir, tendo em vista que a estética é exatamente esse momento de pausa para sentir e compreender o que estamos sentindo.

Palavras-chave: Estética. Saberes. Sentir.

¹ Doutor em Artes Cênicas pelo PPGAC - Universidade Federal da Bahia. Professor adjunto do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará Curso de Teatro-Licenciatura; Mestrado em Artes; ProfArtes. Coordena o Laboratório de Poéticas Cênicas e Audiovisuais (LPCA), no qual atualmente desenvolve o Projeto de Pesquisa Do corpo da cena: cena, alegoria e escritura no teatro contemporâneo, dentro do Instituto de Cultura e Arte da UFC. E-mail: hectorbriones@ufc.br

² Mestranda em Artes pela UFC- Universidade Federal do Ceará. Especializando em Arte educação e Cultura Popular pela Darcy Ribeiro. Licenciada em Teatro pelo IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora efetiva de Artes da Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Creusa do Carmo Rocha. Proponente e criadora do grupo de dança e estudos folclóricos Aicó Ybitãtã e pesquisadora sobre Mimesis Corpórea. E-mail: biancarh29@hotmail.com

³ Graduando em Educação física pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Criador e professor da escola Batuque & Dança que tem como proposta a investigação e criação cênica no âmbito da dança afro-cubana e dança de salão. E-mail: luc.siqueiraa@hotmail.com

Introdução

A palavra estética desde que foi usada dentro do vocabulário filosófico⁴, que se tem notícia, sofreu várias ressignificações passando pela vertente da objetividade-subjetividade, da beleza como busca pela verdade, utilidade, da representação do real, dentre outras.

Atualmente a palavra estética vem sendo atrelada a lógica capitalista dos quais se criam clínicas estéticas que se referem á beleza exterior, comerciais de propagandas que circulam no nosso meio afirmando que para ser algo você necessita ter algo e que isto lhe torna belo e atraente. Então seria a estética o retorno á beleza como utilidade? E se sim, qual aspecto de utilidade que ela se refere? Baseia-se no ter ou na construção do ser?⁵ E de quais formas essa nova visão da estética influência no dia a dia e na própria educação?

Se atentarmos, encontraremos clínicas para deixar os cabelos de tal forma, malhação para adquirir tal corpo, numa constante representação e repetição da lógica do *ter* e não do já *ser*. Processo que massacra e dilacera o sentido de corpo e da mente. Reinventa-se novos corpos, novos pensamentos como se o homem fosse um objeto que precisa constantemente mudar pra se fazer interessante numa prateleira á venda. Esta mudança não está pautada no livre pensar ou na própria mudança interna que se faz necessária, e sim, numa imposição ideológica que se vai adentrando no conceito de belo/útil de forma (in) consciente.

Esta lógica também nos acompanha no molde educacional onde toda a estrutura se baseia para que os educandos *adquiram* mais conhecimentos, independentemente de serem estes aprendidos realmente ou só memorizados como garantia de pontuações numéricas sobre o pensar. Poucas são as escolas que se trabalham se atentando para o que os educandos possuem dentro de si. É uma lógica mercantilista de sempre adquirirem mais. Tais ideologias aparecem também sobre os meios midiáticos onde trazem consigo a necessidade de absorção

⁴ De acordo com estudos bibliográficos a palavra estética foi introduzida por Alexander Baumgarter em 1750 e se referia ao conhecimento sensível.

⁵ O ser aqui precede aquilo que se é através das e com as escolhas que se faz. É o sujeito que existe do que o mundo proporciona (exterior) interligado com as suas escolhas (interior). É o diálogo com sua essência numa constante interação entre o interior e exterior na transformação social e de si. Este ser pode ser influenciado por objetos e ideologias do ter, vindo o ser a sofrer alterações por este, por isso da importância de se deixar descobrir-se e de ser responsáveis pelas escolhas tomadas, tendo consciência dos “ter” que é apresentado ao ser.

de informações e opiniões. Foi pensando nisto, que iniciamos o processo de estudo sobre os conceitos atrelados a palavra estética e como esta poderia nos auxiliar no processo educacional.

A pesquisa aqui apresentada é apenas parte dela, já que continuaremos a estudar e a propiciar vivências que possam nos auxiliar quanto a esta temática. Buscaremos apresentar aqui os conceitos da palavra estética sobre os olhares de Jorge Bondía Larrosa, Marcos Villela Pereira e a tradicional Poética Aristotélica. Citaremos outros autores que buscarão dialogar sobre a temática e o traremos nesta primeira etapa do trabalho diante de uma vivência realizada na EEEP Dona Creusa do Carmo Rocha onde os educandos do primeiro ano do Curso Técnico Administrativo tiveram espaço para dialogar sobre a estética e vivenciar uma construção da escultura da Venus de Willendorf em sabonete. Foi uma ferramenta encontrada para associar a sociedade matriarcal e sua representatividade na fertilidade, bem como a diferença estrutural da estética associada ao conceito de beleza da nossa atualidade.

A Aisthethiké/Estética

O significado da palavra estética foi com o tempo se modificando de acordo com a cultura e o tempo no qual ela se inseria. Sua origem, do termo grego, é *aisthethiké*, que se refere ao que é percebido, notado. Diz-se sobre o viés do sujeito que percebe, que olha e que é atravessado por esse objeto e/ou sujeito observado, criando e sentindo sensações que podem ser desconhecidas ou já conhecidas, estabelecendo novas ressignificações.

O sujeito que se permite vivenciar isto, já não é mais o mesmo, pois algo se modifica nele, acrescentando a si um novo aprendizado que pode ser formador de opinião ou não. Pode apenas representar uma nova descoberta que não se limita a estruturação das palavras já conhecidas e que, portanto, fica na inviabilidade de representá-la sobre forma de opinião ou informação.

A *aisthethiké* é singular a cada sujeito. Cada um tem um modo de sentir/vivenciar diferente. O que é observado, sentido por um, pode não fazer sentido nenhum a outro, por isso da sua mais diversa significação dentro da sociedade, pois cada um buscará, à sua maneira, descrever aquilo ou aquele sentimento dentro de uma forma, de um padrão estabelecido ou não. Porém, para o significado não se abranger por demasiado e se perder no

vazio do ‘entre-ser’, a palavra estética se lançou no que se refere ao conceito de beleza, e esta por sua vez se abrangeu em mais significados temporais/culturais, passando pelo encontro de beleza a algo que era bom; de beleza como sinônimo do bem em relação ao espírito; e dentre outros. O fato é que a estética (*aisthethiké*) se estruturou como o estudo do que é belo na arte ou manifestações artísticas e como Filosofia da Arte. Lembremos que toda ela se estrutura sobre uma base concreta: o sujeito que sente e observa.

É desta forma que Larrosa⁶ começa a destrinchar que para haver a estética é necessário se permitir a vivenciar, utilizando a mesma palavra que ele, a experimentar. Villela⁷ descreve-nos que antes do experimentar há o se permitir a desenvolver uma *atitude estética* que é dada de maneira desinteressada, tal atitude estética requer do espectador, do criador ou até mesmo do crítico, que não deixa de ser espectador, uma posição de pertencimento, de permissão a se deixar ser tocado por tal vivência. Larrosa (2002) nos lembra de que a todo o momento podemos viver e mesmo assim não ser atingidos por sentimento nenhum, de acordo com ele:

“Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu.”
(LARROSA, 2002, p.22)

É notório averiguar que em pleno século XXI e diante de um sistema capitalista, cada vez mais somos cobrados a sabermos de algo. A cada dia que passa mais crianças e adolescentes assumem responsabilidades e são impedidas de brincar, conversar, ter momentos de ócio criativo, de socializar. O mesmo se passa com os adultos que recebem diariamente através de comerciais seja em televisões, rádios, banner e etc, anúncios subjetivos que determinam o ser com o ter e que para ser precisam ter cada vez mais, impossibilitando-os o livre acesso ao sentir voluntário, desinteressado, como cita Villela (2012). Até os idosos são

⁶ Ver Larrosa, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, Campinas-SP. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19.

⁷ Pereira, Marcos Villela. **O limiar da experiência estética:** contribuições para pensar um percurso de subjetivação. Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 183-195, jan./abr. 2012.

impedidos de ter uma experiência estética completa, se é que existe a completude em tal ato, pois são renegados e lançados á beira da sociedade em local de esquecimento na sua grande maioria. Sobrevivem em meio ao tempo corrido onde tudo se passa, mas quase nada se sente, pois não há o tempo/espço necessário a cada individuo de sentir conforme a sua singularidade. Complementando este pensamento junto ao que Villela (2012) declara quanto à atitude estética, veremos que “A atitude estética é uma atitude desinteressada, é uma abertura, uma disponibilidade não tanto para a coisa ou o acontecimento “em si”, naquilo que ele tem de consistência, mas para os efeitos que ele produz em mim, na minha percepção, no meu sentimento.” (Villela, 2012, p.186). Se percebermos o Marketing estuda como o cérebro humano capta informações e a toma para si, desta forma, estamos aberto a algo e somos de certa forma, absorvidos por ela ou a absorvemo-las, mas isto não implica dizermos que estamos tendo uma atitude estética, pois ela não se resume meramente a estar *aberto a* e sim ao *efeito ocorrido pela abertura a ...* Quando Larrosa nos expõe o que foi citado acima, podemos interpretar, dentre tantas outras possibilidades, exatamente a exclusão da experiência estética, mesmo que esta se der de forma inconsciente. E esta possibilidade de exclusão se dá inclusive através do processo escolar, como modelo educacional onde se preza o *ter* sobre o *ser*. O mesmo padrão estipulado pelo sistema capitalista. Proporciona-se nas escolas, óbvio que não generalizado, pois cada ser absorve, sente e interpreta diferente, o acúmulo de conteúdos, de informação em prol da experiência/sentido como se este não fizesse parte da construção significativa do saber. É diante disto que Duarte Júnior (1981) propõe a construção significativa do saber pelo viés do sentir, levantando questionamentos mais uma vez sobre a funcionalidade da Arte na escola. Ele esclarece que já que a estética é visto como o estudo da beleza na Arte, esta deve ser incluída sobre esta vertente. Para ele a Arte dentro do meio escolar tem um papel essencial: o papel de humanizar. Cita que:

“As soluções triunfantes me causam certo mal-estar. Talvez porque, historicamente, os vitoriosos tenham sempre arrastado consigo uma dose de crueldade. Pode ser, inclusive, que a verdade seja o oposto: não que a vitória gere a crueldade, mas que a crueldade seja mais vocacionada para o triunfo que a mansidão. A preservação do Índio e suas culturas, a harmonia do homem com a natureza, a salvação das florestas, rios e mares, a recusa a violência, a opção pelo pacifismo - todas estas são causas derrotadas. Elas não tem chance alguma frente ao poder econômico e ao poder das armas. E aqui está alguém que sugere que a educação seja pensada a partir da beleza - O que equivale a afirmar que o poeta e o músico são mais importantes

que o banqueiro e o fabricante de armas, o que sem dúvida provocará sorrisos tanto nos vencedores quanto nos vencidos. (PREFÁCIO, 1981, p. 09)”

Ele nos demonstra que o *ter* se tornou tão importante que parece simplesmente que esquecemos respeitos básicos de qualquer um com o outro, consigo e com o meio no qual está inserido, e isto pode ser visto pela óptica, inclusive da questão escolar, no qual se insere mais conteúdos e que interpelam o educando ao sentir e ao refletir sobre suas ações. Ações estas que estão pautadas no pilar do eterno vencer, independente do custo, e de quais derrotas que ocasionara certa crueldade com outrem e consigo para se alcançar aquilo que foi almejado. É nesta perspectiva que se propõe a arte no intuito de despertar, resgatar a beleza novamente, lembrando que esta está atrelada a estética, ao grande experimentar e sentir da vida.

Larrosa (2002) também cita esta visão, que ele não atrela necessariamente ao sistema capitalista, mas interliga-a, explicando que o sujeito de hoje está intrinsecamente ligado à informação e a grande necessidade de opinião. De tudo deve-se saber um pouco e dele extrair uma opinião. Se, por algum acaso, o sujeito se pôr em frente a uma obra de arte e é extremamente tocado por ela por tal sensação que pra ele até o momento é inexplicável, este, pode-se se ver oprimido pela sociedade ou inclusive pelo que aprendeu dela por não saber descrever tais sensações, por não ter a opinião formada. O narcisismo aí toma parte da sociedade. Estamos tão firmes em nossa opinião que não abrimos espaço ao novo, ao simples gesto de ouvir o outro e tentar entender. Somos levados a sempre falar e reproduzir informações que em grande maioria acreditamos ser a nossa própria. Preenchemos o vazio do ócio com palavras na internet, com palavras lançadas ao outro, porém pouco repensadas. Cortamos ou recusamos o tempo de reverberação do simples ‘vazio’ de uma palavra à outra. Tantas informações não deixa tempo para combinações e compreensões de modo geral. Se não temos tempo de sentir/experimentar como criar? Como reinventar a atualidade? Se não somos capazes de sentir, de viver o aqui e o agora, *o que nos passa*⁸, assemelha-se ao podar-se enquanto sujeito humano capaz de transformação a si e ao meio no qual está inserido. Assemelhamo-nos ao robótico, aos corpos dóceis⁹, fáceis de serem comandados por

⁸ Grifo nosso para lembrar que o que nos passa e/ou o que nos acontece se refere a experimentar, a estética de forma dita.

⁹ Ver Michel Foucault. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ideologias que nos são implantadas, por incrível que pareça, por meio da informação. Como cita Foucault não há manipulação provinda de um senhor rico, mas de uma cadeia de pessoas pobres, ricas, padres, professores, família, políticos, enfim, das linhas de interesses e de poder que regem a sociedade. Se pularmos esta etapa do se permitir, de se ter uma atitude estética significa que estamos a pular também a ação da reflexão, da busca pelo nosso eu e pelo sentir, pela nossa própria abertura á transformação. Sem nada que nos atinja, que aconteça, que toque, nos tornamos seres que vagueiam sobre a terra nomeando-a de vida. É necessário romper com este ciclo e interromper esta sequência. É necessário

“(…) parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (LARROSA, 2002, p.22).

A pausa para o sentir e refletir são bem vindas. A fala está atrelada ao corpo, faz parte do corpo. Não se deve ignorá-la, porém não se deve se prender exclusivamente a ela como refúgio ao não sentir. Ela faz parte e é sincera, verídica se esta está atrelada a comentar o que nos acontece, pois ai ela é via de acesso ao sentir, ao experimentar, a viver. A opinião é diante daquilo que experienciamos e não em cima de algo que julgamos. Se nos pomos no lugar dos juízos, do automatismo, da opinião já pronta, estamos a tirar de nós a oportunidade de provar o novo, de nos encantar que nem criança que visualiza tudo como se fosse a primeira vez. Podemos assistir a uma aula, fazer uma viagem, visitar escola, e mesmo que não seja a primeira vez, ainda assim ser tocado *por*, ser sentido, desde que nos coloquemos nessa postura da atitude estética. Nessa local de *abertura a* e ao *efeito ocorrido pela abertura a*.

A estética segundo Aristóteles

Já foi citado acima que a palavra estética se tornou referência à beleza e seu direcionamento quanto a Filosofia da Arte. Aristóteles também a analisou sobre essa vertente

artística. Atraiu a ela dois princípios realistas: a teoria da imitação, muito debatida e tida por alguns estudiosos como mal interpretada, e a catarse.

Para ele a estética que é atrelada a beleza residia na extensão e ordem. Na sua harmonia e proporção, revelando sua grandeza. Essas qualidades encontravam-se na arte enquanto imitações. Não imitação literalmente da vida, mas imitações das coisas das “(...) quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade” (Aristóteles, 1997, p.28). Eram ações de algo e que poderiam ser reproduzidas pelo ser humano, e se este poderia fazer coisas ruins, também poderiam fazer ações boas.

A arte teria aí uma função de melhorar o ser humano por viés da catarse. Se há a imitação de ações ruins, estas deveriam ocorrer para causar piedade ou medo para que o ser humano aprendesse com as ações observadas e não as cometessem. Há aí a purgação de si. A estética nesse parâmetro de mimesis não seria meramente a imitação tal qual como a palavra é colocada, mas a representação de ações que podem gerar transformações em si e no meio no qual está inserido.

Quanto a análise de beleza Aristóteles tem grandes contribuições no que se diz a respeito do ponto de vista do espectador. Por aquele que é observador e que se deixa passar pelas sensações do objeto observado. Aqui encontraremos ressignificações com o que Larrosa colocava sobre deixar que aconteça algo a si. Suassuna esclarece que:

Aristóteles examina a fruição da obra de arte e as características da Beleza *do ponto de vista do sujeito*, do ângulo psicológico; isto é, estuda o que acontece no espírito do contemplador ao se colocar ele diante da Beleza, chegando à conclusão de que o prazer estético decorre da simples apreensão, gratuita e sem esforço. Do objeto pelo espírito do sujeito. (Suassuna, 2008, p.56)

Enquanto alguns se atentavam ao objeto, ações e/ou ideia de beleza. Aristóteles foi mais além e percebeu que a beleza, mesmo com seus padrões estabelecidos que a definissem, essa seria relativa perante o olhar do observador e que este ao ser pego pelos sentidos pela coisa observada era atingido de maneira gratuita, nada forçada, numa atitude desinteressada.¹⁰ É através desse olhar que ele esclarece o prazer que o ser humano sente em ver e aprender com o que é visto, por isso de colocar a arte teatral dentro de uma estrutura que pudesse

¹⁰ Lembrando que este termo foi visto dentro dos estudos de Marcos Villela já citados aqui.

‘educar’ de forma indireta, e não necessariamente utilizada por ele dentro desse termo, por viés da purgação. É o momento que a arte assume papel transformador.

É importante salientar que ele também coloca o grotesco na perspectiva do belo ao se referir à cena grotesca no qual sentimos prazer em observar. Na nossa atualidade e diante das tecnologias, hoje isto fica mais claro de ser observado. Enquanto a televisão noticia tragédias, pessoas ficam em volta a olhar e a fazer caretas, mas ainda assim, a observar. Para isto, Aristóteles fala que o prazer estar ligado à satisfação de perceber que o ocorrido foi com outra pessoa e não com você, e que ali estar à representação de algo que poderia ter ocorrido com qualquer um. É esta representação que Aristóteles define como imitação. Esta é a imitação de ações que são reproduzidas por pessoas agindo. Portanto, a beleza para ele não ficava no local do intocável como proponha Platão, e sim no local do possível, do real e no qual o ser humano aprenderia através e com ela. A beleza não se resumia meramente a visualização do belo, mas a satisfação e prazer de ser tocado por algo que é observado, mesmo que este esteja classificado como grotesco.

Saber da experiência

No início deste artigo trouxemos de forma breve alguns olhares de Larrosa sobre a palavra estética e que esta estava atrelada a outro conceito que ele determinou de Saber da Experiência. Não basta a experiência, é necessário tomar ‘proveito’ dela. Se a vivenciamos, se fomos tocados por algo, que este algo nos seja singular no processo de aprendizado. É como ele coloca:

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. (LARROSA, 2002, p.27).

Falamos que é necessário estarmos aberto a recebermos algo, a sermos tocados por algo, mas que isto só fará sentido se nos apropriarmos disto como experiência pra vida. Muitas coisas não passam pelo nosso entendimento, mas passamos por aquilo, aquilo significou algo, marcou pra alguma coisa, mesmo que não saibamos pô-las em palavras. O

saber da experiência não está necessariamente atrelado à explicação, mas ao processo prático de resposta a como você lida com aquela situação.

Quando inserimos a vivência dentro da escola da qual já citamos aqui, na disciplina de arte, esta vivência reproduziu alguma coisa em alguns educandos, principalmente no sexo feminino. Ao fazerem suas esculturas em sabonetes¹¹ da Venus de Willendorf, que é uma deusa gorda, distorcida perante o olhar atual da nossa sociedade em relação ao seu corpo (de modo geral). As meninas começaram a compreender a importância daquela deusa para aquele determinado período e cultura na qual a escultura estava inserida. Algumas trouxeram à fala de: “professora tudo é relativo, né? Essa mulher aqui, gorda desse jeito é a representação de beleza daquela época, né?”, enquanto outra respondia: “tá vendo como somos bonitas e a nossa sociedade atual diz que não?”¹². No meu ponto de vista elas se permitiram vivenciar aquilo não sobre o olhar da obrigatoriedade, mas do prazer de fazer, de criar algo e de ser tocado por aquilo que criavam ao mesmo tempo em que reproduziam a tentativa real da imagem da Venus impressa.

No canto da sala, meninos riam e olhavam pras suas esculturas distorcidas e diziam como ela estava bonita. Percebiam que a beleza ia bem mais além do que aquilo que a mídia nos colocava. Analisavam-na sobre o olhar estético de que sente prazer ao ver algo que se criou e que ao mesmo tempo foi criado pela coisa. Pela mistura das sensações, pelo poder da arte de já não saber quem é o quê, mas o que são.

Se compreendêssemos e se soubéssemos como trabalhar a educação sobre o viés da beleza como Duarte Júnior propusera, talvez teríamos o que Aristóteles colocava e Larrosa que citava:

“(…) O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (...) mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria.” (LARROSA, 2002, p.27).

¹¹ Optamos utilizar este material por ser ele de fácil acesso a todos e de manuseio simples.

¹² Não a identificaremos aqui, pois para a pesquisa não é relevante saber a identidade real das jovens.

Talvez esteja mais do que na hora de compreendermos que a educação é um processo de aprendizado individual, mas que este se dá em total convivência com outros e ao meio no qual faz parte. Que as palavras, as informações são necessárias, mas se estas realmente fazem parte do que o sujeito acredita e escolhe pra si, se esta está enraizada dentro das suas experiências e dos saberes que foram construídos por essas experiências. Dialogar sobre a beleza, sobre o sentir diante de uma sociedade que se demonstra desumana e embasada sobre o costume do ter parece-nos atualmente a melhor solução, fazendo-nos concordar com o olhar de Duarte Júnior quando propõe a educação pelo viés da beleza.

Considerações Finais

O título deste artigo “Observ (ação)...” não foi despropositadamente. Ele nos sugere o observar que está em olhar o outro, olhar a si mesmo, pois como Aristóteles nos dizia em sua Poética, aprendemos também através do olhar. Mas só olhar não é suficiente. Isto é um lugar de passividade, por mais que haja uma atitude do sujeito em olhar. Mas aqui sugerimos o observar regado de ação. Ação de perceber o outro, ação de propor vivências educacionais que possam gerar a estética. Ação do sujeito observador de se por numa atitude propícia para receber algo, para sentir algo. O que levamos como sugestão foi algo simples, mas engrandecedor. Colocarmos-nos numa atitude estética, nos permitirmos desamarar do ‘não se permitir pra não sofrer’ é construir um ser mais rico em saberes estético. Concluímos esta primeira etapa do trabalho afirmando e propondo a construção de vivências no âmbito escolar que sejam capazes de trazer a estética no sentido mais amplo dela, independente de dar certo ou não, pois até isso é relativo diante de sujeitos diferentes que absorvem e compartilham de maneiras diversas. O que vale é se permitir e analisar os frutos dessa permissão quanto sua positividade e negatividade, atentando-se ao saber da experiência, pois uma vez que se aprende não se esquece e supostamente não comete a falha que por você foi determinado como falha.



XXVII CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL
V CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ARTE/EDUCADORES
II SEMINÁRIO DE CULTURA E EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL

“Enquanto esse velho trem atravessa...”:
outros caminhos na experimentação e na formação docente em Arte

REFERÊNCIAS

- Aristóteles, Horácio, Longino. **A poética clássica**. Introdução 7. Ed. Por Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultrix, 1997.
- Foucault, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- Larrosa, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Campinas-SP. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19.
- Pereira, Marcos Villela. **O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação**. Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 183-195, jan./abr. 2012.
- Suassuna, Ariano. **Iniciação á estética**. -9ª Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.